



Cristiane da Silva Alves (2021). Eufemismos para lidar com a velhice: Civilidade ou negação?. In Joaquim Pinheiro (coord.), *Olhares sobre o envelhecimento. Estudos interdisciplinares*, vol. II, pp. 129-139.

DOI: 10.34640/universidademadeira2021alves

ISBN: 978-989-8805-65-2

Nota de edição: Respeitou-se a norma ortográfica seguida pelos Autores.

© CDA, Universidade da Madeira

O conteúdo desta obra está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização dos editores e dos seus autores. Os capítulos, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade dos autores.



Eufemismos para lidar com a velhice: Civilidade ou negação?

CRISTIANE DA SILVA ALVES

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

cristianesalves@gmail.com

enviado a 22/01/2021 e aceite a 11/02/2021

Resumo

O presente texto busca refletir acerca do emprego de eufemismos, ou seja, de palavras ou termos considerados mais agradáveis ou polidos, que geralmente são adotados para se evitar ou atenuar o vocabulário relacionado com a velhice. Em um primeiro momento, pretende-se discorrer sobre algumas das razões para a utilização de tais recursos. Posteriormente, intenta-se examinar algumas crônicas de autores nacionais, verificando o seu posicionamento a respeito, para avaliar a aceitação (ou não) dos eufemismos habitualmente empregados, bem como seus impactos e contribuições para as pessoas velhas. Para dar suporte às análises, recorre-se às contribuições de Simone de Beauvoir, Pierre Bourdieu, Clarice Peixoto e Alda Britto da Motta, entre outros.

Palavras-chave: Eufemismos; Velhice; Cultura; Sociedade; Preconceito.

Abstract

This text seeks to reflect on the use of euphemisms, that is, words or terms considered more pleasant or polite, which are generally adopted to avoid or mitigate the vocabulary related to old age. First, it is intended to discuss some of the reasons for using such resources. Subsequently, it is intended to examine some chronicles by national authors, verifying their position on the subject, to assess the acceptance (or not) of the euphemisms commonly used, as well as its impact and contributions to the elderly. To support the analyses, we used the contributions of Simone de Beauvoir, Pierre Bourdieu, Clarice Peixoto and Alda Britto da Motta, among others.

Keywords: Euphemisms; Old age; culture; Society; Prejudice.

Introdução

De acordo com o *Dicionário de eufemismos da língua portuguesa* (Oliveira, 2015), “o termo *eufemismo* procede do idioma Francês *euphémisme*, derivado do idioma Latim Tardio, *euphemismus*, e esse do idioma Grego, *euphemismós*”, tendo surgido em nosso idioma no Século XIX. Ainda, conforme o dicionário, o eufemismo é definido como:

o uso da palavra, locução, acepção mais agradável, ou expressão da demagogia comunicativa com objetivo de minimizar e suavizar a expressão ou ideia rude, ofensiva ou desagradável, ou mesmo tabuística, substituindo o termo contundente por vocábulos ou circunlocuções amenas ou polidas (Oliveira, 2015, p. 25).

Essa, certamente, não é a única acepção possível acerca do termo. Ao contrário, trata-se de “um fenômeno multifacetado, objeto de muitas definições e abordagens” (Stumpf, 2020, p. 2). A definição mostra-se útil, contudo, como ponto de partida para o presente estudo que, sem a pretensão de esgotar o assunto, busca lançar algumas reflexões sobre determinados eufemismos habitualmente empregados para se evitar ou atenuar o vocabulário relacionado com a velhice. Além de verificar algumas possíveis motivações para o uso de tal recurso

linguístico em lugar das palavras e expressões mais diretamente ligadas ao envelhecer, intenta-se examinar se e em que medida a sua aplicação mostra-se desejável ou bem aceita.

Os eufemismos e sua relação com a velhice

“As palavras têm poder”, é o que popularmente se diz. Tal sentença, entre outras coisas, funciona como uma espécie de advertência, indicando que é prudente tomar cuidado com o que é verbalizado. É possível verificar-se, neste caso, certo misticismo em torno das palavras, como se elas tivessem o condão de atrair ou evitar certos eventos. De tal modo, a utilização de eufemismos em determinadas situações estaria relacionada “com uma superstição segundo a qual a simples pronúncia de uma palavra poderia atrair má sorte, o que ainda era possível de se constatar em cerimônias religiosas, em que se evitava chamar entidades religiosas por algum nome que lhes era desagradável” (Stumpf, 2020, p. 4). Se, para muitos, isso parece ilógico, para outros, trata-se de uma recomendação séria, que não deve ser desprezada.

Crenças à parte, não se ignora que determinadas palavras ou expressões podem atrair a simpatia ou o desprezo de alguém, bem como causar mágoa, sofrimento, constrangimento e, conforme o caso, até render uma condenação para aquele que vier a proferi-las. Não por acaso, frequentemente se observa a presença de eufemismos para atender a demandas da chamada “linguagem politicamente correta”. O ajuste linguístico, em tal situação, seria “motivado pela vontade ou necessidade de suavizar algumas palavras, de modo a não ofender o alocutário. De fato, seu uso aponta para uma interdição ao mesmo tempo em que mostra como o falante se “esquiva” dela” (Stumpf, 2020, p. 2). Vale notar, todavia, que “alguns falantes se dão conta e outros não, da carga negativa ou positiva de certos termos; ou, alternativamente, alguns falantes se dão conta da carga negativa de certos termos apenas quando aplicados “inadequadamente” (Possenti, 2006, p. 50).

E de que modo isso se relaciona com a velhice? Em primeiro lugar, considerando-se a variedade de palavras e expressões frequentemente utilizadas para substituir ou atenuar os termos “velho”, “velha” e “velhice”¹, parece que há certo temor entre os falantes que, não raro, exibem o que se pode considerar uma prevenção ou negação do envelhecer. Não são poucos os que evitam mencionar explicitamente essa etapa da vida, como se essa atitude contribuísse, magicamente, para impedir-lhe a existência e os efeitos. A impressão que resta, diante de tal quadro, é que a velhice é indesejada ou mal vista, o que se faz notar especialmente entre quem não goza de vantagens econômicas e sociais. Nesse caso, considerando-se que os menos favorecidos, de variadas maneiras, podem sentir mais os efeitos negativos de atingirem determinada faixa etária ou exibirem marcas físicas que costumam ser relacionadas com o envelhecer, pode-se compreender o porquê. Para entender melhor a situação, tomemos como exemplo o estudo de Clarice Peixoto (2007) que, ao examinar a situação vivenciada na França do século XIX, verificou que a problemática da velhice estava diretamente relacionada com os indivíduos sem recursos, desprovidos de bens, valores e status:

a questão da velhice se impunha essencialmente para caracterizar as pessoas que não podiam assegurar seu futuro financeiramente – o indivíduo despossuído, o indigente –,

¹Comumente substituídos por “idoso”, “idosa”, “terceira idade”, “melhor idade”, entre outros.

pois as pessoas com certo patrimônio, [...] detinham certa posição social, administravam seus bens e desfrutavam de respeito (Peixoto, 2007, p. 71).

De tal modo, não seria totalmente equivocado considerar a velhice como um problema mais diretamente vinculado às camadas mais baixas da população que, para além da idade avançada, são econômica e socialmente desfavorecidas e, por conseguinte, ostentam mais abertamente as marcas do envelhecimento, sem qualquer “verniz” a proteger-lhes do olhar, do preconceito ou mesmo do desprezo alheio. Como observa Carmen Lucia Tindó Secco (1994, p. 22), “o velho rico tem suas propriedades que o defendem da desvalorização de sua pessoa física; o pobre, por não possuir bens, quando não mais considerado uma força útil ao sistema produtivo, é excluído e degradado à solidão”. Para os menos favorecidos, a velhice seria entendida como o fim da sua contribuição à sociedade e, vislumbrado como alguém não tem mais nada a oferecer, o indivíduo torna-se dispensável.

É oportuno observar, ainda, que os vocábulos comumente empregados na França para designar pessoas de mesma idade, levando-se em conta um grupo de mais de 60 anos, guardavam distinções que contribuíam fortemente para reforçar a marginalização de uns e a condição superior de outros. De acordo com Peixoto (2007, p. 71), “designava-se mais correntemente como velho (*vieux*) ou velhote (*vieillard*) os indivíduos que não detinham estatuto social, enquanto que os que o possuíam eram em geral designados como idosos (*personne âgée*)”. Curiosamente, com relação ao termo *vieillard*, a autora explica que nem sempre foi tomado pejorativamente; no século XVIII essa mesma palavra também era utilizada para referir-se aos velhos ricos. De toda forma, ainda que os termos “velho” e “velhote” possam ou não assumir conotações negativas, “quando isso acontece são empregados para reforçar uma situação de exclusão social” (Peixoto, 2007, p. 72).

No que concerne ao Brasil, conforme esclarece Peixoto (2007, p. 77), a questão da velhice só veio à tona em um tempo mais recente. O vocábulo “velho”, utilizado habitualmente para designar os sujeitos envelhecidos, tinha um caráter ambíguo: tanto podia assumir um sentido afetivo quanto pejorativo, dependendo da entonação ou situação em que fosse empregado. Foi somente no final da década de 1960 que, a exemplo da Europa, determinados documentos oficiais, bem como a maioria das análises sobre a velhice, resgataram a noção de “idoso”, considerando-o um tratamento mais respeitoso. O termo “velho”, empregado especialmente para referir-se às pessoas de camadas populares, passou a assumir uma feição negativa, a partir de então. Mesmo na atualidade, é visível certa aversão ao seu uso². A esse respeito, Motta (1997, p. 2) avalia que existe:

antes de tudo, um problema com o uso cotidiano da palavra velho. Na sua aplicação generalizada e indiferenciada a pessoas e a objetos, os significados de gasto e descartável predominam. Ao reino animal e, principalmente, aos humanos, acrescentam-se as remissões diretas ao desgaste da saúde e da energia e ao descarte final da morte.

²Note-se, em especial, a Lei nº 10.741, o *Estatuto do idoso*, promulgado em 1º de outubro de 2003, e que se destina, conforme o seu artigo 1º, “a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos.” Embora inclua entre seus objetivos o esclarecimento e a eliminação do preconceito acerca da velhice, o dispositivo legal em nenhum momento se refere às pessoas ali elencadas como “velhos/as”, o que demonstra o quão arraigado é o incômodo ou a rejeição pelo termo, que nem mesmo a legislação logrou sanar.

Não por mera coincidência, constantemente vinculam-se ao vocábulo imagens negativas, das quais o ser humano prefere afastar-se o mais possível. Associada à desvalia, ao esgotamento e/ou finitude, a palavra velho/a é tomada, frequentemente, apenas em relação ao “outro”, que não o interlocutor, cuja reação quase instintiva é arredar de si a ideia, ou antes, certo peso que o termo carrega. Conforme Motta (1997, p. 2), isso acontece porque:

produziu-se uma imagem social do envelhecimento e da velhice tão desfavorável, que os idosos saudáveis e lúcidos – que não parecem constituir minoria! – não se reconhecem nela. Por isso, a conhecida contradição – na verdade, aparente contradição – expressa no fato de que frequentemente as pessoas declaram uma idade mais avançada, mas não se admitem velhos [...], ou reconhecem velhice apenas nos outros. Claro, quem iria se reconhecer nos estereótipos negativos que circulam por toda parte?!

Por outro lado, no que diz respeito às pessoas jovens, parece que, ao evocarem certas palavras mais diretamente relacionadas à velhice, são compelidas a lembrar de que também elas tendem a envelhecer, a sentir no próprio corpo as transformações, nem sempre simples ou fáceis de assimilar e que, mais cedo ou mais tarde, irão atingir a todas aquelas que seguirem vivendo. Isso, possivelmente, leva-as ao retraimento com relação ao tema. Neste aspecto, Elias (2001, p. 80) salienta que:

há dificuldades especiais que impedem a empatia. Não é fácil imaginar que nosso próprio corpo, tão cheio de frescor e muitas vezes de sensações agradáveis, pode ficar vagaroso, cansado e desajeitado. Não podemos imaginá-lo e, no fundo, não o queremos. Dito de outra maneira, a identificação com os velhos e com os moribundos compreensivelmente coloca dificuldades especiais para as pessoas de outras faixas etárias. Consciente ou inconscientemente, elas resistem à ideia de seu próprio envelhecimento e morte tanto quanto possível.

Assim, uma vez que a identificação é difícil e/ou indesejada e, portanto, tende a ser evitada, a menção de certas palavras em sua forma simples, despidas de adornos ou aparatos eufemísticos, costuma causar desconforto. Não por acaso, verifica-se que em falas cotidianas ou em escritos, é bastante usual a “maquiagem” de determinados termos. Os eufemismos, nesses casos, “servem de véu, na medida que disfarçam uma ideia negativa sem, contudo, deixar de oferecer a possibilidade de entrevê-la” (Stumpf, 2015). A observação da ocorrência de tal fenômeno permite-nos inferir que mesmo hoje, no século XXI, apesar das inúmeras transformações atravessadas pela sociedade, o envelhecer ainda guarda resquícios do preconceito que, ao longo dos tempos, associou-o a imagens negativas. Dá-se preferência, então, a um vocabulário considerado socialmente mais respeitoso, mais adequado, civilizado, mas que é simplesmente um artefato cultural que, na prática, nem sempre se mostra melhor ou desejado por quem é diretamente atingido. Em alguns casos, inclusive, os substitutivos são tomados com desgosto, pilhéria ou mesmo explicitamente rejeitados. Esse fenômeno pode, inclusive, ser verificado a partir de certas crônicas, tanto de autores que, repentinamente, descobriram-se velhos, como daqueles já familiarizados com a velhice e seus efeitos, ou, ainda, de quem simplesmente está se preparando-se para o “grande momento”.

O tratamento da velhice pelo olhar dos cronistas

Em atenção à já mencionada linguagem politicamente correta, a imprensa tende a orientar seus colaboradores no que diz respeito a utilização de determinadas palavras e expressões. Essas, sempre que possível, devem ser evitadas ou substituídas por outras, supostamente mais aceitáveis. É o que se verifica, por exemplo, no Novo Manual da Redação do jornal Folha de S. Paulo³, que elenca uma série de termos que não devem ser empregados pelos jornalistas. No nosso caso, interessa observar, particularmente, as determinações que se referem a palavras relacionadas com a velhice.

Vejamos, como exemplo, de que forma é tratada a utilização do termo “velho” ou do seu mais conhecido eufemismo, “idoso”:

Idoso - Evite o eufemismo, mas não use velho (que designa o que foi deteriorado pela ação do tempo). Procure informar a idade exata do personagem da notícia. Não dispondo da idade e sendo importante caracterizá-la, use o termo idoso. Veja idade.

Velho - Evite a palavra para qualificar pessoa, pois significa deteriorado pelo tempo. O ideal é informar a idade exata do personagem da notícia. Quando for impossível fazê-lo e importante caracterizar a faixa etária, prefira o termo idoso.

É perceptível que, assim como já foi anteriormente referido, a palavra “velho” é associada a um significado negativo, lembrando desgaste ou ruína e, considerando-se que pode ser mal recebida pelo público leitor, o manual de redação recomenda que seja evitada. Por outro lado, também é indicado que se evite o seu correspondente eufemístico, o que, à primeira vista, causa estranhamento, porquanto normalmente se atribui a esse recurso linguístico a possibilidade de suavizar ou estancar traços de agressividade, impolidez ou descortesia. Nesse caso, talvez se possa compreender um pouco melhor a questão examinando as análises de Possenti (2006, p. 57), acerca de outros exemplos constantes do mesmo manual:

Por exemplo: evitar termos como "preto, crioulo, escurinho, alemão, moreno, de cor"; utilizar "negro"; mas não utilizar expressões como "afro-brasileiro, cidadão de tipo negróide". O jornal não explicita seus critérios, mas isso não é necessário. É evidente, para quem fala português no Brasil, isto é, para quem está mergulhado nessa cultura, que a primeira lista contém palavras cujo efeito é claramente discriminatório. A última, por sua vez, revela que provavelmente a direção do jornal se deu conta de que a utilização de termos escolhidos com demasiado cuidado denunciaria, exatamente pelo cuidado excessivo, atitudes racistas. Assim como a denegação acaba por afirmar, escolhas muito cuidadosas pareceriam sintoma do preconceito.

Guardadas as devidas distinções, o caso acima permite-nos alcançar a motivação dos diretores do jornal para, do mesmo modo, sugerir que não se utilize o termo “idoso”, mesmo que, aparentemente, seja mais aceitável do que “velho”. Ao evitar utilizar esse último, a redação confirma os sentidos negativos ou discriminatórios que, costumeiramente, se atribui ao vocábulo. Mas, da mesma forma, ao recomendar que se evite o termo “idoso”, demonstra que a substituição da palavra “velho” por outra mais “suave” pode ser percebida como um “sintoma

³Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_redacao.htm.

do preconceito”, como bem ilustra Possenti. O eufemismo, nesse caso, ainda que pareça mais “palatável”, não é suficientemente capaz de encobrir o preconceito circundante, podendo até mesmo salientá-lo.

A preocupação com o componente discriminatório ou pejorativo que determinadas palavras podem denunciar, é igualmente demonstrada por outro jornal brasileiro de grande circulação, o *Estadão*, que também possui um *Manual de redação e estilo*⁴, no qual adverte: “Velho. Cuidado com a carga de preconceito que a palavra encerra. Na maior parte dos casos, prefira *idoso*, menos agressiva”. Vê-se que, no caso desse jornal, há menos hesitação quanto à utilização do termo “idoso”. Sem negar o preconceito que uma ou outra palavra pode suscitar, seus diretores preferem optar pelo vocábulo menos danoso, ou seja, por aquele cuja carga é, ao menos aparentemente, menor, possibilitando, se não impedir, ao menos suavizar o impacto nos leitores.

Diante disso, recorreremos ao exame de algumas crônicas publicadas nos jornais de maior circulação no país, buscando observar até que ponto há aceitação (ou não) dos eufemismos mais conhecidos para tratar da velhice. Em todas elas, o tema é tratado a partir do olhar de renomados escritores, que vivenciam pessoalmente os efeitos do envelhecer e, sobretudo, observam com perspicácia o comportamento da sociedade em torno do assunto.

É o caso de Rubem Alves que, quando contava com 74 anos, escreveu para a *Folha de S. Paulo*, em 27 de maio de 2008, a crônica “Gestos amorosos”, na qual ilustra o contraste entre a intenção e o resultado quando alguém se reporta de modo distinto diante de uma pessoa mais velha. Na crônica, o autor revela que se descobriu velho pelo olhar dos outros, pela diferenciação com que, de repente, passaram a tratá-lo. Ele relembra alguns gestos e palavras amáveis que os mais moços lhe dirigiram, como, por exemplo, em uma comemoração do aniversário de sua nora, ocasião em que estava assentado em uma cadeira no jardim, quando um jovem casal amigo se aproximou:

Quando a mulher jovem e bonita me viu, veio em minha direção para me cumprimentar. Fiz um gesto de levantar-me. Mas ela, delicadíssima, me disse: “Não, fique assentadinho aí ...” Se ela me tivesse dito simplesmente “Não é preciso levantar”, eu não teria me perturbado. Mas o fio da navalha estava precisamente na palavra “assentadinho”. Se eu fosse moço, ela não teria dito “assentadinho”. Foi justamente essa palavra que me obrigou a levantar para provar que eu era ainda capaz de levantar-me e assentar-me. Fiquei com dó dela porque eu, no meio de uma risada, disse-lhe que ela acabava de dar-me uma punhalada [...] Conteí esse acontecido para uma amiga, mais ou menos da minha idade. E ela me disse: “Estou só esperando que alguém venha até mim e, com a mão em concha, bata na minha bochecha, dizendo: “Mas que bonitinha. Acho que vou lhe dar um murro no nariz [...] (Alves, 2008).

O destaque, nesse caso, fica por conta dos diminutivos, como é o caso de “assentadinho” e “bonitinha”. Tais recursos, não raro, são utilizados com pessoas velhas a fim de esboçar delicadeza, mas acabam por “apunhalar” quem os recebe. Depreende-se da crônica que, mesmo quando o propósito de determinadas pessoas seja o de parecerem afáveis ou educadas ao se

⁴Disponível em: <http://www.estadao.com.br/manualredacao>.

dirigirem a alguém mais velho, a mudança de atitudes ou a substituição de palavras, nem sempre tem um retorno positivo. Ao contrário, ao sentirem-se tratados de modo diferenciado, alguns indivíduos reagem, a exemplo de Alves (2008) com certa consternação, talvez porque, elevado a outra categoria, que já não comporta o mesmo trato dos demais, resta marcado o seu afastamento, ou antes, o seu não-lugar junto aos que são ainda jovens ou não considerados velhos. Curiosamente, na contramão daqueles que adotam eufemismos para mascarar ou evitar as palavras que mais diretamente se relacionam com o envelhecer, o cronista salienta a superioridade do termo “velho”, que considera poético:

Para começar, não entendo por que "velho" é politicamente incorreto. "Idoso" é palavra de fila de banco e de fila de supermercado; "velho", ao contrário, pertence ao universo da poesia. Já imaginaram se o Hemingway tivesse dado ao seu livro clássico o nome de "O idoso e o mar"? Já imaginaram um casal de cabelos brancos, o marido chamando a mulher de "minha idosa querida"? Os alto-falantes nos aeroportos convocam as crianças, as gestantes, as pessoas com dificuldades de locomoção e a "melhor idade" [...] Alguém acredita nisso? Os velhos não acreditam. Então essa expressão "melhor idade" só pode ser gozação (Alves, 2008).

Outro escritor que também se posicionou a respeito do assunto foi João Ubaldo Ribeiro que, como se pode notar, demonstrou grande enfado com as convenções sociais, nomenclaturas e novas formas com as quais comumente se aborda a velhice, um tema que motivou algumas vezes sua escrita, especialmente após os 60 anos – talvez porque começasse a atingi-lo mais intimamente, causando um desconforto que antes não fazia parte de sua rotina. Veja-se, por exemplo, a crônica “Alegrias da velhice”, que ele escreveu para *O Globo*, em 16 de março de 2008, quando contava 67 anos:

A mim, confesso, já enche um pouco o saco esse negócio. Começou, se não me falham os rateantes neurônios, com essa conversa de terceira idade, inventada pelos americanos⁵, que são muito bons de eufemismo, como testemunha a exemplar frase “lide com preconceito extremo”, que, dizem, a CIA usava quando ordenava um assassinato. Passou a não pegar bem chamar velho de velho mesmo e agora a velharada é agredida com designações tais como “boa idade”, “melhor idade”, “feliz idade” e outras qualificações ofensivas [...] Ninguém mais é velho, fica até feio o sujeito hoje em dia dizer que é velho (Ribeiro, 2008).

Longe de simpatizar com os substitutivos considerados mais suaves para referir-se ao avanço da idade, o autor chega a apontar tais recursos como uma agressão ou ofensa às pessoas velhas que, com tais recursos, são compelidas a camuflarem a sua condição, a ocultarem ou negarem a velhice, dando preferência a outras denominações. Neste caso, o autor não apenas se insurge contra os eufemismos, como condena a negação ou não aceitação da velhice na atualidade.

Em outro texto, também escrito para *O Globo*, em 29 de dezembro de 2013, então com 72 anos, Ubaldo abordou novamente o tema e, reforçando o desagrado esboçado anteriormente, denunciou os cumprimentos e vocábulos tradicionalmente utilizados para, de acordo com ele,

⁵Na verdade, a expressão foi criada na França, em fins da década de 60, “em um momento de desvinculação do velho trabalhador proletário da imagem de doente/invalído, e a incorporação mais intensa das camadas médias ao assalariamento, com novas práticas quanto à aposentadoria” (Motta, 1997, p. 3).

“engambelar o calendário”. Mais uma vez, o autor refere-se aos eufemismos como expedientes ofensivos e, sobretudo, evidencia que o propósito de tais recursos, ao fim e ao cabo, não é enaltecer ou mostrar respeito pela velhice, mas sim escondê-la:

[...] procuram empregar palavras mágicas, como se alguma palavra melhorasse a condição do velho ou de alguma maneira a homenageasse. Essas palavras e expressões são ofensivas, porque dão a entender que a velhice é uma condição tão vergonhosa que deve esconder-se por trás de eufemismos detestáveis. Idoso é a mãe, ancião é a mãe, vovozinho é a mãe, melhor idade, terceira idade, feliz idade, tudo isso é a mãe, não se discute. O certo é “velho”, no máximo “coroa”. Os que são contrários ao uso da palavra “velho” alegam que ela soa preconceituosa ou discriminatória. Mas é claro que soa, velhice é defeito. Ninguém diz em voz alta que é defeito, mas todo mundo acha que é (Ribeiro, 2013).

Quem também se posicionou a respeito dos eufemismos referentes à velhice foi Ruy Castro, em texto publicado na *Folha de S. Paulo*, em 28 de janeiro de 2012. Nesse texto, o escritor ironizou o emprego da expressão “melhor idade” e esclareceu “para os que ainda não chegaram a ela” que:

“melhor idade” é quando você pensa duas vezes antes de se abaixar para pegar o lápis que deixou cair e, se ninguém estiver olhando, chuta-o para debaixo da mesa. Ou, tendo atravessado a rua fora da faixa, arrepende-se no meio do caminho porque o sinal abriu e agora terá de correr para salvar a vida. Ou quando o singelo ato de dar o laço no pé esquerdo do sapato equivale, segundo o João Ubaldo Ribeiro, a uma modalidade olímpica (Castro, 2012).

O autor foi ainda mais mordaz a respeito do tema, elencando uma série de “privilégios” da “melhor idade” que, de acordo com ele, são:

o ressecamento da pele, a osteoporose, as placas de gordura no coração, a pressão lembrando placar de basquete americano, a falência dos neurônios, as baixas de visão e audição, a falta de ar, a queda de cabelo, a tendência à obesidade e as disfunções sexuais. Ou seja, nós, da “melhor idade”, estamos com tudo, e os demais podem ir lamber sabão (Castro, 2012).

É visível nesses textos o incômodo causado pelas palavras e expressões que habitualmente são utilizadas em lugar da velhice, como se houvesse uma obrigatoriedade de diluir ou abrandar o termo, de atribuir-lhe outro sentido, de modo que não sobressaia a verdadeira condição implicada. Não se está, é claro, afirmando que todas as pessoas, a exemplo de Rubem Alves, João Ubaldo Ribeiro e Ruy Castro, devam expor a sua velhice, mas que, talvez, se devesse pensar por que é tão imperioso escondê-la. Afinal, não parece bastante provável que seja justamente o olhar piedoso ou preconceituoso, o maior responsável pela criação e manutenção dessa carapaça com que habitualmente se reveste o envelhecer?

A esse respeito, a jornalista e escritora Eliane Brum (2012), embora ainda não pertença à faixa etária daqueles que são oficialmente considerados velhos, escreveu um artigo para a revista *Época*, com o sugestivo título “Me chamem de velha”. Nele, a autora afirma que “ser velho é estar perto da morte. E essa é uma experiência dura, duríssima até, mas também

profunda. Negá-la é não só inútil como uma escolha que nos rouba alguma coisa de vital” (Brum, 2012). Em seu texto, a autora exhibe um posicionamento explicitamente contrário aos eufemismos que, epidêmicos como as cirurgias plásticas, tentam perpetuar a juventude, banindo a velhice não apenas da existência, mas também da linguagem:

Por que falo da morte aqui nesse texto? Porque a mesma lógica que nos roubou a morte sequestrou a velhice. A velhice nos lembra da proximidade do fim, portanto acharam por bem eliminá-la. Numa sociedade em que a juventude é não uma fase da vida, mas um valor, envelhecer é perder valor. Os eufemismos são a expressão dessa desvalorização na linguagem. Não, eu não sou velho. Sou idoso. Não, eu não moro num asilo. Mas numa casa de repouso. Não, eu não estou na velhice. Faço parte da melhor idade. Tenho muito medo dos eufemismos, porque eles soam bem intencionados. São os bonitinhos mas ordinários da língua. O que fazem é arrancar o conteúdo das letras que expressam a nossa vida. Justo quando as pessoas têm mais experiências e mais o que dizer, a sociedade tenta confiná-las e esvaziá-las também no idioma (Brum, 2012).

Como se vê, apesar de largamente utilizados, o emprego de eufemismos para se referir à velhice não desfruta de total adesão ou unanimidade. Ao contrário, não raras vezes, as palavras “afáveis” são mal recebidas por aqueles que, supostamente, seriam beneficiados com a sua utilização. Dentre as variadas razões para tal incômodo, talvez se possa ponderar que esses expedientes encobrem, afastam, ou mesmo suprimem a questão da velhice, em lugar de trazê-la à tona, possibilitando que haja uma maior visibilidade e, por conseguinte, ampliando-se a discussão acerca dos enfrentamentos e das necessidades de quem envelhece. A despeito dos avanços da sociedade e de algumas conquistas que a legislação garantiu às pessoas velhas nas últimas décadas, a velhice ainda não deixou de ser marginalizada; tanto é assim, que a simples menção do termo “velho/a” é capaz de causar desconforto, preferindo-se, o mais possível, o seu encobrimento ou apagamento.

“Para a sociedade, a velhice aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar”, registrou Simone de Beauvoir (1990, p. 8) no século passado. É espantoso que sua afirmação, aparentemente longínqua, permaneça ecoando na atualidade, mas é assim, com vergonha, dissimulação ou silenciamento que, ainda hoje, a velhice é comumente tratada. Neste sentido, veja-se o que comenta Barbosa (2003, p. 9), na “Apresentação” do livro *Passo e compasso: nos ritmos do envelhecer*, por ela organizado:

A palavra velho/a tem uma conotação negativa, passando a significar aquilo que está gasto, usado, que perdeu o valor, que é imprestável ou que pode ser descartado. Termos como “o crepúsculo da vida”, “outono” e “inverno” evocam significações mórbidas, sendo associados como etapa final, fim do prazer de viver, decrepitude, agonia e morte.

Como se pode notar, ainda persiste em nossa sociedade certa tendência em associar o envelhecer ao encarquilhamento, à doença e à ruína. Não são as palavras, no entanto, que precisam ser substituídas, mas sim o nosso olhar e as nossas atitudes. Não é demais lembrar que a velhice, antes de tudo, é um constructo. Bourdieu (1983, p. 112), a esse respeito, salienta que “as divisões entre as idades são arbitrárias”, motivadas por disputas de poder, visando a estabelecer limites e fixar o lugar de cada um. Porque determinadas em função de interesses diversos e, especialmente, porque “somos sempre o jovem ou o velho de alguém” (Bourdieu,

1983, p. 113), as divisões etárias são sujeitas a variações e alvo de manipulações, tornando difícil determinar quem é jovem ou velho. De tal modo, pode-se mesmo pensar que “ser velho é uma questão de ponto de vista”, como dizem alguns, tentando imprimir ao tema mais leveza ou graça. Seja como for, não há como negar que a velhice, queira-se ou não, em algum momento atingirá a todos aqueles que não morrerem antes. É parte da nossa existência, assim como outras etapas da vida, cada uma com suas descobertas, alegrias, demandas e enfrentamentos. Somos nós, pois, de acordo com as nossas ideias e comportamentos em torno da questão, os responsáveis por atribuir-lhe (ou, quiçá, conter) uma face nefasta.

Conclusão

É compreensível que, em razão das discriminações e preconceitos ainda persistentes no que tange ao envelhecer, haja certo constrangimento em assumir-se velho/a ou mesmo em dirigir-se às pessoas velhas tratando-as de maneira que, de algum modo, pareça menos respeitosa. Infelizmente, enraizou-se entre a população a ideia de que “idoso/a” é um vocábulo civilizado, afável, enquanto “velho/a” é pejorativo. Entretanto, ao optar por palavras ou expressões consideradas mais brandas ou bem-educadas, como “idoso/a”, “ancião/anciã”, “vovozinho/a”, “boa idade”, “melhor idade”, “feliz idade”, “terceira idade” e assim por diante, não necessariamente se está contribuindo para melhorar a situação das pessoas velhas ou para ampliar as suas conquistas.

Em lugar de mascarar, ocultar ou mesmo banir de nosso convívio os vocábulos, expressões, situações e, especialmente, grupos de pessoas, talvez se devesse ter a coragem de trazê-los para perto, tornando-os cada vez mais próximos, até que se consiga verdadeiramente acolhê-los, eliminando hiatos, preconceitos, segregações. Que continuem todos e todas se incomodando com as palavras, cada vez mais, mas que o desconforto não seja em vão; que nos leve a refletir, a buscar soluções, a trazer à tona a questão da velhice e garantir a visibilidade e, especialmente, a dignidade dos velhos e velhas que fazem parte de nossa sociedade – velhos e velhas que avistamos, convivemos, que somos ou que, com sorte, seremos.

Bibliografia

- Alves, R. (2008). Gestos amorosos. *Folha de S. Paulo*. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2705200804.htm>
- Barbosa, M. J. S. (2003). Apresentação. In Barbosa, M. J. S. (Org.) *Passo e Compasso: nos ritmos de envelhecer*, (pp. 9-20). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Beauvoir, S. (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bourdieu, P. (1983). *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- Brum, E. (2012). Me chamem de velha. *Revista Época*. São Paulo: Globo. <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/02/me-chamem-de-velha.html>
- Castro, Ruy. (2012). Prazeres da “melhor idade”. *Folha de S. Paulo*. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/22511-prazeresda-quotmelhor-idadequot.shtml>
- Elias, N. (2001). *A solidão dos moribundos, seguido de Envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Folha de S. Paulo. (1996) *Novo Manual da Redação da Folha de S. Paulo*. São Paulo: Folha online. https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_redacao.htm
- Motta, A.B. (1997). Palavras e convivência: idosos, hoje. *Estudos Feministas*, 5(1), 129-139. O Estado de S. Paulo. *Manual de redação e estilo do Estado*. São Paulo: NetEstado. <https://www.estadao.com.br/manualredacao>
- Oliveira, R. (2015). *Dicionário de eufemismos da língua portuguesa*. Foz do Iguaçu: Editares.
- Peixoto, C. (2007). Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In Barros, M. M. L. (org.). *Velhice ou terceira idade?: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*, (pp. 69-84). Rio de Janeiro: FGV.

- Possenti, S., & Baronas, R. L. (2006). A linguagem politicamente correta no Brasil: uma língua de madeira? *Polifonia*, 12(2), 2006, pp. 47-72.
- Ribeiro, J. U. (2013). Do diário do coroa. *O Globo*. <http://oglobo.globo.com/opiniao/do-diario-do-coroa-11162072>
- Ribeiro, J. U. (2008). Alegrias da velhice. *O Globo*.
<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=7061&sid=595>
- Secco, C. L. T. (1994). *Além da idade da razão: longevidade e saber na ficção brasileira*. Rio de Janeiro: Graphia.
- Stumpf, E. M. (2020). Eufemismo: um fenômeno multifacetado no cruzamento entre língua e cultura. *Letrônica*, 13(2), e36278. <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2020.2.36278>

